



IMAGEM: UMA MIRADA COMPLEXA

Dulcilia Schroeder Buitoni¹

Resumo

Em passos de ensaio, este trabalho busca expor percursos do pesquisador de imagem Josep M. Català, da Universidad Autònoma de Barcelona, especialmente a construção do conceito de imagem complexa. Para Català, pensar a complexidade da imagem exige uma *mirada* complexa. Sua perspectiva é fenomenológica e aponta caminhos metodológicos que podem ser aplicados a diferentes formatos das visualidades contemporâneas. Questões de tempo e espaço são fundantes na sua reflexão, que também articulará a noção de interface, entendida como um novo modelo de pensamento.

Palavras-chave: Fenomenologia da imagem. Josep M. Català. Pensamento complexo. Imagem complexa. Interface.

*Essa hora que pode chegar alguma
vez, fora de toda hora, buraco na rede do
tempo,
essa maneira de estar entre, não por
cima ou por trás, mas entre,*

Julio Cortázar
início de *Prosa do observatório*

Estar entre. Uma das condicionantes do nosso estar no mundo contemporâneo. Entre: um lugar quase imperceptível na ecologia veloz da comunicação. Um lugar que passa por imagens, que passa de uma imagem a outra. Tramas de redes, comunicação para sempre enredada. Tempo e espaço expandindo-se e aglutinando-se, cada vez mais indivisíveis. Como pensar a formação, a circulação e o consumo das imagens cada vez mais virtuais?

Quando se pensa o virtual, transformações no espaço-tempo das imagens e na corporeidade dos indivíduos que são expostos às visualidades contemporâneas devem ser

¹ Docente do PPGCOM da Faculdade Cásper Líbero e coordenador a do Grupo de Pesquisa Comunicação e Cultura Visual. E-mail: dbuitoni@uol.com.br.

V cult

o que custa o virtual?

consideradas. O virtual pede que se tente formas de discussão que escapem à literalidade. Então, a forma ensaio favorece a busca de posturas diversas. A proposta deste trabalho é uma condensação das ideias de um autor que trabalha com a fenomenologia das imagens; ele mesmo defende o ensaio como maneira privilegiada para se escrever ciência. Fenomenologia envolve produção, trânsito, recepção, interpretação e interação – processos que vêm se modificando intensa e aceleradamente.

A fenomenologia da imagem é uma das marcas do trabalho de Josep M. Català, professor da Universidad Autònoma de Barcelona e um dos mais importantes pesquisadores da comunicação na atualidade. Suas obras sempre envolvem o olho e a constituição da imagem. Um dos primeiros, *La violación de la mirada: la imagen entre el ojo y el espejo*, já aponta para o paradoxo epistemológico da visão, entre a reprodução como reflexo em um espelho e a representação constituída pela mente. Com formação em História na Universidad de Barcelona, mestrado em cinema na San Francisco State University, na Califórnia, e doutorado em Ciências da Comunicação na Universidad Autònoma de Barcelona, Català transita com facilidade entre a imagem estática e a imagem em movimento, formulando novos conceitos que serão aplicados à ecologia virtual das imagens do nosso tempo.

Diferentes visualidades estão em seus textos, sempre sobre a perspectiva fenomenológica: assim encontramos reflexões sobre direção cinematográfica, sobre o novo realismo melodramático e até sobre o murmúrio das imagens; um dos seus últimos livros mostra como o silêncio das imagens dos documentários pode ser significativo. Sua obra fundante, *La imagen compleja: la fenomenología de las imágenes en la era de la cultura visual*, é um imenso tratado de 750 páginas com cuidadosa pesquisa iconográfica, que apresenta o conceito de imagem complexa, com o qual já trabalhamos há mais de dez anos. Esse conceito fornece pistas metodológicas para aplicação nas imagens da mídia e é especialmente adequado para se aplicar ao universo virtual das imagens.

Das imagens pré-históricas ao cinema de Peter Greenaway, do cinema de Griffith à videoarte, passando por Alice no País das Maravilhas e Jorge Luis Borges, Català vai de Freud, Jung, Lacan a Henri Bergson, Hans Belting, Agamben, Deleuze, Merleau Ponty, Lévi Strauss, Warburg, Didi-Huberman, Walter Benjamin, Karl Popper, Darwin, Flusser, Gilbert Durand, Joseph Campbell, Francastel, Alberto Manguel, Pierre Lévy, Lyotard, Auerbach,

V COMcult

o que custa o virtual?

Bachelard, Umberto Eco, Julia Kristeva, Nietzsche, Paul Virilio, Žižek, Bakhtin, além de autores norte-americanos ligados a cinema ou artes plásticas. No livro *La imagen compleja*, o autor trabalha com os fenômenos constituintes da visualidade, num percurso que acabará desenvolvendo um segundo conceito, o de interface, com grande aplicabilidade à circulação via computador e redes. A primeira parte, com o título *Profundidades da imagem*, se divide em: *Genealogia da visão complexa*, *O interior das imagens* e *Visão e conceito* (onde discute a noção de tempo complexo). A segunda parte – *Figurações da imagem* –, nos traz *Metáfora e realidade*, *Fenomenologia da interface* e *Visão e verdade*.

Complexidades: origens

No campo de pensamento de Josep Català, está a imagem e sua fenomenologia. Ele busca o substrato visual das aparências: não se trata de uma busca de sentidos, mas principalmente de uma busca de estruturas visuais. As imagens parecem ser superfície; no entanto, é preciso ir mais além da primeira camada visual: “existe um ventre das imagens e das estruturas visuais” (CATALÀ, 2005, p. 24). É preciso utilizar o olhar para ver as imagens como se observássemos pela primeira vez:

A percepção, a cognição, a subjetividade e a objetividade se combinam nas imagens para nos dar relações figurativas onde se revelam os problemas de cada uma dessas aproximações ao objeto, aproximações que não têm demasiado sentido em separado (...) (CATALÀ, 2005, p. 25).

Sua busca da complexidade remonta a Edgard Morin. Català acredita na combinação dos saberes na criação de novos campos de conhecimento, numa perspectiva transdisciplinar. O pensamento complexo trabalha de maneira a analisar fenômenos de todo tipo, abrindo espaço para se apresentar a imagem como um caminho em direção a essa forma de pensar. Em muitos âmbitos, a complexidade está relacionada à tecnociência: é uma complexidade muito especializada que tende ao quantitativo. Para Català, não se trata de quantificar a quantidade de complexidade que se pode encontrar em uma imagem nem de medir a dilatação das pupilas diante de um quadro famoso. Sua proposta, seu mantra é: pensar as imagens mas também pensar com as imagens: “não só obter conhecimentos por meio das imagens, mas

V o que custa o virtual?

também é possível refletir visualmente sobre esse saber” (CATALÀ, 2005, p. 22). Ele imagina que:

Porém, é desta arquitetura, que combina o interno e o externo, o fixo e o móvel, o espaço e o tempo, o subjetivo e o objetivo, onde surge a verdadeira complexidade visual. (...) Tratava-se de pensar as imagens, mas também pensar com as imagens, para pôr de manifesto sua particular fenomenologia e os problemas epistemológicos cognitivos e estéticos que ela traz (CATALÀ, 2005, p. 22).

Reforça-se a necessidade de uma *mirada* complexa sobre a imagem. A decisão de não traduzir para o português a palavra *mirada* foi devida a uma não correspondência com *olhar* ou *ver*, embora alguns autores façam essa diferença. De qualquer modo, *mirada* parece se adequar mais ao discurso de Català. Há imagens que podem ser construídas de uma maneira complexa; contudo, qualquer imagem pode ser objeto de uma *mirada* complexa. Mais adiante, essa postura é reforçada: “não devemos nos referir somente a imagens complexas em si, mas também a uma *mirada* complexa para as imagens, da mesma forma que na atualidade nossa *mirada* para a realidade é complexa” (CATALÀ, 2005, p. 66).

A complexidade se refere a uma forma de interrogar as imagens. O fenômeno da imagem complexa se move portanto entre uma *mirada* complexa e uma plasmação complexa. A primeira é o resultado de uma hermenêutica aplicada sobre a imagem e sobre o real, enquanto que a segunda é uma resposta sintomática do social e da imagem:

Realidade, *mirada* e representação formam assim uma determinada ecologia que produz fenômenos incontestavelmente complexos. Um conjunto que pode se descrever como fiz antes, apelando a um mecanismo de “entre-captura”, capaz de expressar em seu seio a realidade contemporânea em toda sua profundidade (CATALÀ, 2005, p. 66).

Passemos aos desdobramentos da *mirada* complexa, que implica também a estética e a poética na configuração dessa fenomenologia.

Imagem complexa: instâncias

Espaço e tempo são duas coordenadas essenciais para a *mirada* complexa, que pressupõe uma leitura das formações espaço-temporais na comunicação contemporânea. Na atual ecologia da comunicação, a imagem se revela como um trânsito de temporalidades e

V COMcult

o que custa o virtual?

espacialidades diferentes das que existiam há algumas poucas décadas. Sua constituição se traduz em uma complexa trama psico-epistemológica, que estimula a reflexão sobre as novas visualidades e as novas formas de representação que as tecnologias têm possibilitado. A *mirada* complexa é um procedimento metodológico que pode ser aplicado a diversos objetos, sejam fotografias, vídeos, imagens estáticas ou em movimento, narrativas convencionais ou hipertextuais, narrativas multimidiáticas. Em nosso trabalho no PPGCOM da Faculdade Cásper Líbero, e no Grupo de Pesquisa Comunicação e Cultura Visual, o conceito de imagem complexa vem sendo discutido e aplicado em pesquisas sobre fotojornalismo, grafites, programas televisivos, documentários, webdocumentários, redes sociais como Facebook e Twitter, games, jornais, revistas, micronarrativas em mídia *out of home*, filmes publicitários, filmes de ficção, webdesign.

Català descreve as características da imagem complexa, a partir de um diagrama (CATALÀ, 2005, p. 68) que organiza visualmente elementos que configuram uma determinada história da imagem, traçada mediante uma série de contraposições fundamentais. Ele reconhece que o esquema envolve uma certa limitação, obedecendo ainda uma disposição linear da linguagem escrita. De qualquer modo, é um instrumento para se aproximar da constituição da imagem complexa. Aliás, o uso do termo *imagem complexa* é uma facilitação didática e textual, porque o autor afirma que não se pode falar em imagem isoladamente, mas sempre em imagens, no plural. A imagem da ciência e da objetividade – que podemos qualificar como visualidade científica ou visualidade jornalística, documental etc – se contrapõe à imagem complexa, chamada por Català de visualidade pós-científica.

A primeira oposição é entre *transparência* e *opacidade*. A visualidade científica, relacionada com o mito fundador do conhecimento ilustrado, busca a transparência. É uma imagem que quer reproduzir a superfície do mundo. A imagem complexa é opaca, não é uma janela para o mundo, não é um lugar de trânsito para uma determinada realidade. Ela nos pede uma atitude de deciframento, uma apropriação cognitiva.

Como segunda oposição, a *mimese* x *exposição*. As visualidades científicas e jornalísticas tendem a mimetizar a realidade. Realismo e segmentação, a exacerbação do mito da imagem mimética, que é uma cópia da realidade, leva ao simulacro – imagens que substituem a realidade. Nossa visão, construída culturalmente, apela para a mimese como

V COMcult

o que custa o virtual?

fator de compreensão das imagens, *mimese* que é uma das justificativas do fotojornalismo e dos documentários, mesmo com toda a carga de subjetividade e manipulação que uma fotografia ou um filme possam conter. O dispositivo é ignorado; pensa-se que a imagem é um simples reflexo do real. Pelo contrário, a *exposição* da imagem complexa resulta de uma construção visual que propõe pontos de referência com a realidade sem recorrer necessariamente a um fantasmagórico realismo.

Em terceiro lugar, *ilustração x reflexividade*. Todas as imagens que não puderam ser relacionadas com as artes tradicionais (pintura, escultura, arquitetura e, posteriormente, fotografia e cinema) sempre foram consideradas ilustrações, isto é, funcionavam como um complemento visual ao texto. Podiam ser a visualização de uma parte do texto ou ainda simplesmente um adorno. A imagem muitas vezes era um simples artifício mnemotécnico, auxiliar da ciência ou da visualização em materiais impressos. A imagem complexa é reflexiva, num processo que pode ser didático e estético e que envolve camadas de compreensão. Ela pode ter uma natureza multimagética, ou ainda ser uma imagem sintética que se constitua em porta ou interface para outros tempos e espaços.

Podemos encontrar um exemplo da diferença entre imagem ilustrativa e imagem reflexiva no livro *Prosa do observatório* (1972), de Julio Cortázar, que teve uma belíssima edição brasileira publicada pela Editora Perspectiva em 1974, com tradução do professor de Teoria Literária Davi Arrigucci Jr. Cortázar havia fotografado dois observatórios astronômicos na Índia, um em Jaipur, outro em Delhi. São observatórios ao ar livre com instrumentos enormes construídos em 1728, com pedra e argamassa; suas imagens se introduziram visceralmente no texto literário. Em um artigo científico ou em uma revista de turismo, essas imagens seriam ilustrativas, complementando o sentido do texto. Na obra de Cortázar, as fotos provocaram o discurso verbal, que conta um relacionamento amoroso entremeadado de digressões sobre o ciclo de enguias (informações que o autor obteve em um artigo publicado pelo jornal *Le Monde*, em 14 de abril de 1971) e citações relativas aos observatórios, construídos pelo sultão Jai Singh.

Espaço e tempo mesclam-se nos parágrafos; fotos de página inteira intercalam-se com páginas de texto. As fotos de Cortázar desencadearam a criação literária – são imagens reflexivas e, portanto, complexas.

V COMcult

o que custa o virtual?

Espetacularidade se contrapõe à *interatividade*: esta é a quarta oposição. O caráter espetacular das imagens contemporâneas solicita uma fruição passiva, enquanto que a interatividade possibilita ações do espectador. Rememorando Guy Debord e a sociedade do espetáculo, Català (p. 81) nos diz que praticamente todas as imagens modernas estão construídas para serem observadas à distância por um observador colocado em uma situação privilegiada que se sente controlando o que vê. Porém, ele não tem controle e quase sempre é envolvido pelo aparente realismo proposto por essas imagens. A imagem interativa é aquela que permite que o espectador se transforme em agente. Para o processo de interação, a interface é um fator básico. Ampliando o sentido inicial da interface como interação entre computador e usuário, Català passará para a interface considerando-a como um novo modelo cognitivo:

A verdade é que muito poucos autores conseguiram se aproximar até o momento da autêntica transcendência deste crucial instrumento que é a interface. (...) Para nós, a interface deve ser considerada, ainda que somente de maneira preliminar, um tipo de imagem metafórica capaz de relacionar o usuário (termo que também é forçosamente provisório e que se refere ao antigo espectador) com um conglomerado multimidiático de índole informativa e didática: isto é, trata-se de uma imagem complexa capaz de a cada momento de produzir ou reproduzir determinadas ações, ao mesmo tempo em que permite a visualização dos processos implicados neste funcionamento que, desta maneira, penetram na equação comunicativa e se convertem eles mesmos em operativos (CATALÀ, 2005, p. 82).

No conceito de Català, a interface tem funções reprodutoras e produtoras. A nova imagem interativa pode se conectar com o som, potencializando sua capacidade de gestora do conhecimento.

O final do diagrama se completa. Paradoxalmente, a visualidade científica que persegue a ciência e a objetividade é uma imagem irracional no dizer de Català, porque não provoca impulso de criação e de reflexão. A imagem *irracional* se contrapõe à imagem *complexa*. A imagem irracional supõe o conceito tradicional de imagem transparente, mimética, ilustrativa e espectral; substitui a razão pela persuasão. Em contraposição, a imagem complexa é opaca, expositiva, reflexiva e interativa, porque, contaminando-se pela arte, pela subjetividade e pelas emoções, dá lugar a uma nova objetividade, a uma visualidade que Català chama de pós-científica. O autor pondera que a história da imagem é muito variada

V COMcult

o que custa o virtual?

e que nem todas as imagens que precederam a interface têm essas características e nem sempre funcionam nesse sentido pejorativo. Além disso, a complexidade é também um processo hermenêutico que pode aplicar-se ao mais simples dos fenômenos para redimi-lo do seu reducionismo.

A racionalidade está em crise, mas não é por culpa da preponderância das imagens, e sim porque essa racionalidade restringida se vê incapacitada para compreender uma realidade que já não admite reducionismos. A imagem complexa pretende resolver o tradicional divórcio entre arte e ciência, ao mesmo tempo em que nos permite enriquecer nossa compreensão do real. A desconfiança sobre a percepção sensível, que já vem desde os gregos, se mescla com a ideia de que não existe outra imagem que não a mimética. Nesse sentido, muitos setores criticam a crescente hegemonia da imagem, que se produz em detrimento do texto, considerado como gestor primordial e praticamente único da racionalidade. Català descreve a ecologia atual da comunicação:

As novas tecnologias, que são as ferramentas que configuram e gestionam os limites da realidade presente, não utilizam imagens porque sim, como adorno ou como resultado de simples estratégias de *design*; e sim recorrem a elas porque se mostram muito mais capazes que o texto para funcionar como interfaces. Se consideramos que o fenômeno da interface é, ademais de um instrumento tecnológico, um modelo mental da realidade contemporânea, nos enfrentaremos ao fato inescapável de que a imagem é absolutamente necessária para gestionar essa realidade (CATALÀ, 2005, p. 84).

O documentário *Santiago*, de João Moreira Salles, é desenvolvido por uma mirada complexa e solicita uma mirada complexa do espectador. Santiago foi o mordomo da família Moreira Salles, por trinta anos. Em 1992, João gravou cenas com esse personagem de grande força expressiva e de muita presença em sua infância, mas não conseguiu fazer o filme. Somente treze anos depois, Santiago já morto, conseguiu editar o documentário que desvela memórias, identidades e o próprio fazer documental. *Santiago* alinhava imagens complexas. Do início, com o narrador/diretor explicando sua maneira de lidar com imagens do passado, surgem fotos de cômodos de uma casa em molduras como se fossem fotos de família dispostas em uma pequena mesa – mas não há nenhuma pessoa nelas. O poder da complexidade vai conquistando quem vê. Até a não imagem: ouvir trecho do barbeiro de Sevilha no escuro. As vozes iniciais de personagem e cineastas, combinando a tomada de

V COMcult

o que custa o virtual?

cena, também com a tela escura. No meio do plano da piscina, o som é cortado. As imagens fazem pensar: densas, reflexivas, prenes de significado. Em *Santiago*, as imagens têm silêncios – que murmuram para nós. Torna-se natural, então, relacionar com o livro *El murmullo de las imágenes* (Català, 2012).

Um texto literário do argentino Cortázar e um filme do brasileiro João Moreira Salles: dois exemplos de imagens complexas, onde vida e arte interagem; fotografias e imagens em movimento oferecem muitas camadas, compõem labirintos narrativos, porque foram perpassadas pela emoção e pela subjetividade.

Interface como sistema de representação

Interface é uma palavra de uso corrente no cenário midiático, atribuída ao relacionamento máquina/usuário. Assim, todos os programas de computador que facilitam o uso, a gestão e a comunicação operam com interfaces. Català quer ir mais além, trabalhar a forma interface

entendida como um novo modo de exposição, ligado ao que podemos considerar um modelo mental antropológico-comunicativo. Este fenômeno propõe um panorama epistemológico, comunicativo e estético muito mais amplo do que supõe o simples dispositivo tecnológico concreto, ligado ao computador (CATALÀ, 2010, p. 13).

Como dispositivo técnico, a interface tem várias facetas. Entre as facetas internas, Català destaca três, que são procedimentos intrínsecos da interface e contribuem para sua novidade: a estrutura hipertextual, a conexão com a *World Wide Web* e a digitalização das imagens. O funcionamento da interface depende em grande medida da confluência dessas fenomenologias específicas. O conceito de interface como modelo de pensamento já é bastante delineado em *La imagen compleja*. Català lembra que Derrick de Kerckhove aponta a estrutura no teatro grego como o primeiro modelo de espaço mental do ocidente. O segundo modelo foi a câmara escura: ambos funcionam como metáfora da mente. O terceiro modelo, no âmbito da informática – computador com telas – evoluiu até incluir aspectos cognitivos e emocionais da experiência do usuário.

V COMcult

o que custa o virtual?

Català vai mais além do dispositivo técnico: para ele, a interface é uma forma de relação, ou melhor, são formas de relação que se estabelecem entre diversos fatores, podendo resultar em funções especulativas:

A interface se apresenta assim, como um espaço epistemológico que funciona através de um procedimento hermenêutico (interativo) de caráter temporal, dialético e representacional ou, dito de outra maneira, através do movimento, da fluidez e das transformações que alcançam inclusive a própria plataforma de atuação (CATALÀ, 2005, p. 574).

Em 2010, Català escreve um livro inteiramente dedicado ao estudo da interface como modelo mental, *La imagen interfaz: representación audiovisual y conocimiento en la era de la complejidad*, destacando sua aplicabilidade para as ciências da comunicação. Nessa obra, ele aprofunda a relação entre interface e cognição. Se em *La imagen compleja* reforçava a natureza visual da interface, agora acrescenta a matriz sonora: a imagem interface é uma representação audiovisual. Neurociência e psicologia cognitiva trazem elementos para discussão.

A comunicação, na era da interface, requer que se desenvolva o que poderíamos chamar de pensamento interface, de acordo com a visão de Català. Não se trata da concepção de interface de Lev Manovich (2006), que trabalha com a ideia de interfaces culturais. Para Català, há antagonismo entre os modos visual e verbal de análise e pensamento:

À medida que as técnicas relacionadas com o computador vão se impondo em todos os campos do saber, se faz cada vez mais evidente a importância do modo visual de compreensão e representação do conhecimento. Poderíamos dizer que se coloca em primeiro lugar o *modo de exposição*, como porta de entrada ao significado (CATALÀ, 2010, p. 374).

Esse modelo mental que é visual pode ser também audiovisual e é espacial e temporal ao mesmo tempo. A interface funciona em trânsitos e em fluxos. Sua intervenção é converter algo – ideia, objeto, ação, emoção – em interface. Visualização de conceitos. Forma de pensamento em ação, supõe um colocar em cena como se fosse um teatro. A articulação do conhecimento pressupõe um espaço e a formulação desse espaço. A interface nos obriga a



contemplar o espaço e as relações espaciais de forma distinta do que fazemos até então. A interface é operativa e interativa:

Esta constante abertura de espaços significantes e significativos é uma das maiores conquistas da interface. (...) O gesto da interface abre um vazio que obriga a reflexão: abre um espaço novo ou um oco entre dois ou mais espaços obriga portanto a pensar sobre essas distâncias (CATALÀ, 2005, p. 585).

A interface permite uma mescla de significado estético e artístico e de significado racional e científico. Cada gesto da interface contém esses dois níveis. Trabalhar com a interface como ferramenta cognitiva pode abrir mais espaços para a imagem e o imaginário: espaços de produção, de análise, de criação. Voltemos às palavras quase finais de Cortázar na *Prosa do observatório*: “(...) talvez os chefes e os homens da ciência acabem saindo ao aberto, tendo acesso à imagem onde tudo está esperando (...)”.

Referências

- CATALÀ DOMÈNECH, Josep M. **A forma do real**: introdução aos estudos visuais. São Paulo: Summus, 2011.
- CATALÀ DOMÈNECH, Josep M. **El murmullo de las imágenes**: imaginación, documental y silencio. Santander: Shangrilá, 2012.
- CATALÀ DOMÈNECH, Josep M. **La imagen interfaz**: representación audiovisual y conocimiento en la era de la complejidad. Bilbao: Universidad del País Vasco, 2010.
- CATALÀ DOMÈNECH, Josep M. **La violación de la mirada**: la imagen entre el ojo y el espejo. Madrid: Fundesco, 1993.
- CATALÀ, Josep. M. Enquanto a cidade dorme. In: BUITONI, D. e COSTA, C. (Org.). **A cidade e a imagem**. Jundiaí/SP: Editora In House, 2013.
- CATALÀ, Josep M. **Estética del ensayo**: la forma ensayo, de Montaigne a Godard. València: Publicacions de la Universitat de València, 2014.
- CATALÀ, Josep M. **La imagen compleja**: la fenomenología de las imágenes en la era de la cultura visual. Bellaterra: Universitat Autònoma de Barcelona; Servei de Publicacions, 2005.
- CATALÀ, Josep M. **La puesta en imágenes**: conceptos de dirección cinematográfica. Barcelona: Paidós, 2001.
- CORTÁZAR, Julio. **Prosa do observatório**. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- MANOVICH, Lev. **El lenguaje de los nuevos medios de comunicación**: la imagen en la era digital. Buenos Aires: Paidós, 2006.